

A HISTÓRIA DA IGREJA CRISTÃ, A SÍNTESE DE UMA MEMÓRIA VIVA

LA HISTORIA DE LA IGLESIA CRISTIANA, LA SÍNTESES DE UNA MEMORIA VIVA

THE HISTORY OF THE CHRISTIAN CHURCH, THE SYNTHESIS OF A LIVING MEMORY

Cosme Alves Serralheiroⁱ  

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise sintética dos primeiros 300 anos da história da Igreja Cristã, dividida em três períodos principais: a igreja Apostólica, Perseguida e Imperial. Iniciando com a ascensão de Cristo e a efusão do Espírito Santo no dia de Pentecostes ao Édito de Constantino. Nos três primeiros séculos, a igreja foi intensamente perseguida. Durante este tempo, os cristãos enfrentaram perseguições severas, mas a fé inabalável e a unidade eclesial fortaleceram a Igreja, culminando na aceitação do cristianismo pelo Império Romano. No século IV, Constantino, o primeiro imperador cristão, estabeleceu a liberdade religiosa, garantindo tolerância ao Cristianismo no império romano. Os resultados apontam para diversas mudanças no trato para com o povo cristão, iniciando assim um momento de paz para esse grupo religioso. Para a completude deste trabalho nos debruçamos em análises literárias e bibliográficas com base em alguns autores nacionais e internacionais

Palavras-chave: Cristãos; Igreja; Perseguições; Sagradas Escrituras.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo presentar un análisis sintético de los primeros 300 años de la historia de la Iglesia Cristiana, dividida en tres períodos principales: la Iglesia Apostólica, Perseguida e Imperial. Comienza con la ascensión de Cristo y la efusión del Espíritu Santo en el día de Pentecostés, hasta el Edicto de Constantino. Durante los tres

ⁱ Licenciado em História pela UNIABEU (2011), Pós-Graduado em Ciências da Religião pela FSB RJ (2013), Pós-graduado em Gestão Escolar pela UNIBF (2021), Mestre em História pela UFPEL (2017) e Doutor em História pela UFSM (2021). É professor do CETERGS (Centro de Estudo Teológico Reformado do Rio Grande do Sul Rev. Henry Matthew Haswell Jr.) da disciplina História da Igreja. E-mail: cosmehistoria@hotmail.com.

primeros siglos, la Iglesia fue intensamente perseguida. Durante este tiempo, los cristianos enfrentaron persecuciones severas, pero la fe inquebrantable y la unidad eclesial fortalecieron a la Iglesia, culminando en la aceptación del cristianismo por parte del Imperio Romano. En el siglo IV, Constantino, el primer emperador cristiano, estableció la libertad religiosa, garantizando tolerancia al cristianismo en el imperio romano. Los resultados apuntan a diversos cambios en el trato hacia el pueblo cristiano, iniciando así un periodo de paz para este grupo religioso. Para completar este trabajo, se llevaron a cabo análisis literarios y bibliográficos basados en autores nacionales e internacionales.

Palabras clave: Cristianos; Iglesia; Persecuciones; Sagradas Escrituras.

Abstract: This article aims to present a synthetic analysis of the first 300 years of the history of the Christian Church, divided into three main periods: the Apostolic, Persecuted and Imperial churches. Starting with the ascension of Christ and the outpouring of the Holy Spirit on the day of Pentecost to the Edict of Constantine. In the first three centuries, the church was intensely persecuted. During this time, Christians faced severe persecution, but unshakable faith and ecclesiastical unity strengthened the Church, culminating in the acceptance of Christianity by the Roman Empire. In the fourth century, Constantine, the first Christian emperor, established religious freedom, guaranteeing tolerance to Christianity in the Roman empire. The results point to several changes regarding dealings with the Christian people, thus beginning a moment of peace for this religious group. For the completeness of this work, we focused on literary and bibliographical analyzes based on some national and international authors.

Keywords: Church; Christians; Holy Scriptures; Persecutions.

INTRODUÇÃO

Nos primeiros séculos, muitas mudanças aconteceram na história da igreja. Assim, este estudo oferece uma visão abrangente dos desafios e triunfos iniciais da igreja, destacando a importância histórica e espiritual na gênese da sua fundação. Conforme denota o historiador Enrique Florescano: “estudar o passado sugere uma abertura a outros seres humanos e nos obriga a transportar-nos a outros tempos, a conhecer lugares nunca vistos, a familiarizar-nos com condições de vida diferentes das atuais” (FLORESCANO, 1997, p. 65-

79). Assim, para entendermos a história da igreja numa ótica memorial, ou seja, adquirir, armazenar e recuperar informações do passado, por meio de uma narrativa, Maurice Halbwachs(2006) expõem o sentido claro que a memória é sempre constituída de grupos sociais e tudo que nós lembramos do passado faz parte de construções sociais que são realizadas no presente. Por isso que a memória é fundamental na formação do conhecimento das raízes cristã, paltada em cima da evocação da memória de Jesus Cristo.

Sabe-se que muitos cristãos nos dias atuais gostariam de saber mais sobre as raízes de sua fé e de que maneira muitos ensinios foram adotados em suas igrejas. Porém, poucos tem interesse, disposição e paciência de consultar obras acadêmicas sobre o assunto. Por este motivo, a intenção é de apresentar, de maneira clara e concisa, os principais acontecimentos mais significativos da história da igreja que se posiciona no período compreendido entre o governo do imperador Constantino Magno no edito de Milão e vai até e vai até o ano de 380 quando o imperador Teodósio promulga o edito de Tessalônica no qual reconhece o cristianismo como religião oficial do Império.

Desta forma, a problema do assunto gira em torno de ¹Constantino ao se alinhar ao cristianismo, ganhando popularidade e mais aceitação do escopo social, mas isso não seria uma forma, pelo viés político, do imperador se apropriar de uma religião para promover para expandir sua influência no império? Ou seria o Édito de Milão, uma peça fundamental para a futura conversão total do império à religião? Questionamento esse que de forma empírica tentaremos responder. De fato não é simples sintetizar mais de 2000 anos de história da única instituição religiosa cristã neotestamentária, ou seja, Igreja Apostólica Romana, reconhecida na Bíblia, discorrer sobre essa igreja e seus principais períodos e afirmar ser simples, seria demasiada pretensão. Assim, será discorrido sobre este assunto, entre três eras vividas pela comunidade cristã, apostólica, perseguida e imperial, que, para a comunidade cristã, possui grande importância e valor eterno.

A IGREJA APOSTÓLICA

Hermeneuticamente, o termo apostólica refere-se às igrejas que eclesiásticamente que crêem nas doutrinas dos 12 apóstolos de Cristo, incluindo o apóstolo Paulo que ajudaram a edificar a igreja e que ela continua ativa nos dias atuais representadas por bispos, pastores e missionários, e que vivem o modelo de evangelismo coletivo. Tempo mais tarde,

ou seja, em 313, a Igreja incorporou o nome Católica, por acreditar que seus líderes são os herdeiros dos apóstolos, sendo o Papa o herdeiro de Pedro. Por isso, a Igreja Católica põe os ensinamentos desses líderes ao mesmo nível que o ensino dos apóstolos

Conceitualmente, o termo apóstolo significa “enviado” e com isso o início do termo apóstolo se deu no dia em que Jesus subiu um monte, chamou os que ele quis, e eles foram para perto dele. Então escolheu doze homens para ficarem com ele e serem enviados para anunciar o evangelho. Eles receberam autoridade para expulsar demônios e realizar curas. Os doze foram estes: Simão, a quem Jesus deu o nome de Pedro; Tiago e João, filhos de Zebedeu (a estes ele deu o nome de Boanerges, que quer dizer “Filhos do Trovão”); André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu; Tadeu, Simão, o nacionalista; e Judas Iscariotes, que traiu Jesus (Lucas 6:12-16).

Dar a entender que os que foram escolhidos e viram Jesus naquele dia, exclusivamente receberam o título de apóstolo. E por outro lado, a era apostólica começa com a ascensão de Jesus Cristo e vai até a morte do apóstolo João, na ilha de patmos, na época, uma pequena ilha grega, no Egeu Meridional, ou seja, do ano 30 ao ano 100 d.C. Na manhã do Dia de Pentecostes (Atos 2:1-41), enquanto os seguidores de Jesus estavam reunidos em oração, o Espírito veio sobre eles de forma sobrenatural, dando-lhes um novo conceito do reino de Deus, o qual não era um reino político, mas espiritual, na pessoa de Jesus que governa de modo invisível todos os que o recebem pela fé.

Aqueles de posses, voluntariamente repartiam suas propriedades com os mais pobres, e a expansão da igreja resultou na sua perseguição. Os cristãos que antes estavam limitados a Jerusalém e Judéia, com a perseguição, se espalharam por Samaria e, depois, até aos confins da terra. No livro de Atos, nos capítulos 1-12, destaca-se o ministério de Pedro voltado exclusivamente para os judeus. Em Atos 10 e 11, Pedro abre a porta do reino para os gentios, e logo depois em Atos 9 e 13, Deus levanta um homem natural de Tarso na Turquia, integrante da corte suprema da lei judaica (sinédrio). Sua conversão se deu perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu que era Cristo e escutou a sua voz dizendo: Saulo duas vezes “E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues (Atos 9:4-5). Posteriormente seu nome foi trocado para Paulo e sua conversão aconteceu com o propósito inicial para ministrar os ensinamentos de Deus aqueles que não eram cristãos, ou seja, aos gentios. Paulo começa suas viagens para plantar e

fortificar as igrejas entre, inicialmente, aos gentios.

Por um tempo o Apóstolo Paulo tenta alcançar seus patrícios judeus. Com o avanço do ministério entre os gentios (aqueles que não são Judeus ou descendentes de hebreus), algumas igrejas formadas por judeus começam a fazer pressão em relação ao cumprimento de certas tradições da lei. Os apóstolos e presbíteros de Jerusalém, ou seja, líderes que cuidava dos membros, organizava e conduzia a comunidade, se reúnem em Jerusalém para resolver a questão da importância da guarda da lei para os gentios. Os líderes judaicos / cristãos reconheciam e afirmavam que a salvação é pela graça mediante a fé e não pela observância da lei. Assim, quando o apóstolo Paulo e seu companheiro Barnabé ao chegarem em Jerusalém foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros, a quem relataram tudo o que Deus tinha feito por meio deles. Então, levantaram-se alguns do partido religioso dos fariseus que haviam crido e disseram: — É necessário circuncidá-los e exigir deles que obedeçam à lei de Moisés. Os apóstolos e os presbíteros se reuniram para considerar essa questão. Depois de muita discussão, Pedro levantou-se e dirigiu-se a eles: — Irmãos, vocês sabem que há muito tempo Deus me escolheu dentre vocês para que os gentios ouvissem dos meus lábios a mensagem do evangelho e cressem. Deus, que conhece o coração, demonstrou que os aceitou, dando-lhes o Espírito Santo, como antes nos tinha concedido. Ele não fez distinção alguma entre nós e eles, visto que purificou-lhes o coração pela fé (Atos, 15:4-12).

Por outro lado em outro local, na cidade Antioquia, onde muitos seguidores de Jesus Cristo foram pela primeira vez chamados de Cristãos (Atos 11:26) e a partir daquele local passou a iniciar-se o envio de missionários ao mundo. Os primeiros missionários enviados foram o Apóstolo Paulo e Barnabé. O resultado desse fenômeno foi que o cristianismo se espalhou de sorte que no ano de 100 d.C, havia igrejas espalhadas em inúmeras cidades da Ásia Menor e em muitos lugares da Palestina, Síria, Macedônia e Grécia, em Roma e Alexandria, todas sobre domínio Romano. Além disso, o judaísmo da Diáspora, ocorrida durante a expansão do Império Romano sob o comando do imperador Tito no ano de 70 da era cristã desempenhou um papel crucial na rápida disseminação da nova fé pelo Império Romano. Por isso, que o teólogo e historiador, Justo González destaca essa importância ao afirmar que:

O judaísmo da Diáspora é de suma importância para a história da igreja Cristã, pois foi através dele que mais rapidamente se estendeu a nova fé pelo Império Romano. Além disso, esse judaísmo proporcionou à igreja a tradução do Antigo Testamento ao grego que foi um dos principais veículos de sua propaganda religiosa. (GONZÁLEZ, 2005, p. 20).

Os judeus, neste período, ao se converterem passaram a se reunirem nas sinagogas, onde a palavra de Deus foi preservada, e sua tradição foi mantida. Muitos desses judeus, foram forçados dentro de uma cultura grega chamado helenismoⁱⁱ e assim adquiriram vasto conhecimento da escrita grega. Cristãos e judeus convertidos se abrigavam em cavernas e em casas particulares para realizarem seus cultos e também fugir das perseguições. Assim, foi praticamente, a partir de Nero, que o governo romano começou a hostilizar e intensificar a perseguição ao cristianismo, condenando-os a um violento martírio dentro do coliseu. No verão do ano de 64, especificamente em 18 de julho, Roma foi incendiada, incêndio esse que durou 9 dias, onde 2/3 de Roma ficaram em cinzas. Com receio de um suposto golpe vindo do senado, Nero culpou os cristãos e com isso justificou a multiplicação da perseguição.

Naquele momento os Apóstolos Pedro e Paulo estavam em Roma e foram capturados e aprisionados a mando do imperador, este último ficou numa prisão mais rigorosa denominada “Custodia publica”, onde permaneceu junto a outros prisioneiros comuns e em condições insalubres. Segundo a tradição romana, o apóstolo Pedro foi crucificado em 67, e o apóstolo Paulo decapitado no mesmo ano. Naquele período, ocorria uma grande perseguição aos judeus para com os romanos, motivada a princípio pelas tensões religiosas, evoluindo para protestos contra o pagamento de impostos e ataques a cidadãos sobre domínio romano, motivou um sangrento massacre. Conforme já mencionado, no ano 70 Jerusalém é destruída, e tanto judeus como cristãos se espalham pelo mundo. Sobre esse período, na concepções de Hurlbut (2007, p.48) “a última geração do século I, foi a chamada “a era sombria”, em razão das trevas da perseguição estarem sobre a igreja”.

A IGREJA PERSEGUIDA

Os primeiros séculos, a igreja foi alvo de duras perseguições, contudo, esse tipo de ato já estava preconizado nas escrituras sagradas quando o apóstolo Mateus reproduz a fala de Cristo que disse: “Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as

nações, por causa do meu nome.(Mateus 24:9). Conceitualmente, quando os cristãos têm os direitos negados, por escolherem seguir a Jesus, eles se tornam vulneráveis a hostilidades em diferentes esferas da vida: na família, comunidade, na vida privada, na nação e na igreja. Isso faz com que eles sejam considerados cristãos perseguidos e passam fazer parte da igreja perseguida. Além disso, segue abaixo uma lista dos primeiros cristãos que sofreram martírio por seguirem a Cristo.

Quadro 1- Relação dos primeiros 14 mártires da Igreja

Nome	Ano	Função	Tipo de Martírio
Pedro	64	Apóstolo	Pediu para ser crucificado de ponta-cabeça
André	60	Apóstolo	Foi bastante torturado antes de ir para a cruz grega, que possuía um formato de X.
João	103	Apóstolo	Causas naturais
Felipe	80	Apóstolo	Crucificação, enforcamento, apedrejamento e decapitação
Mateus	60	Apóstolo	Ferimento de alabarda (uma espécie de lança)
Tomé	53	Apóstolo	Após ter sido perfurado várias vezes por uma lança
Simão	70	Apóstolo	Crucificação e após isso teria sido serrado ao meio
Tiago Maior	44	Apóstolo	Decapitação
Tiago Menor	62	Apóstolo	Apedrejado e crucificado
Judas Tadeu	Indefinido	Apóstolo	Ferimento de alabarda (uma espécie de lança)
Judas Iscariote	33	Apóstolo	Se enforcou
Lucas	84	Discípulo	Pendurado em uma árvore
Paulo	60	Apóstolo	Decapitado

Fonte: Quadro elaborado pelo autor (2024).

É importante frisar, com base no quadro acima, que a historiografia, arqueologia e teologia, com base em estudos, ainda não chegaram a um consenso registros históricos confiáveis que confirmem com precisão como ou quando esses eventos ocorreram e de que forma morreram todos os apóstolos/discípulo de Jesus Cristo. Cabe também ressaltar que o quadro que apresenta as mortes dos apóstolos traz algumas informações que, embora amplamente aceitas na tradição cristã, não possuem comprovação histórica sólida. A morte de apóstolos como Pedro (crucificado de cabeça para baixo) e Paulo (decapitado) são tradições.

No início da era cristã, as perseguições religiosas ocorreram quando alguém que se identificava como cristão, quando a conversão ao cristianismo é proibida por conta de ameaças vindas do governo imperial ou de grupos extremistas à época; eram forçados a deixarem seus lares até seus empregos por medo da violência; são presos, interrogados e, por diversas vezes, torturados por se recusarem a negar a Jesus ou até mesmo eram mortos

no coliseu por causa da fé. Além disso, “[...]enfrentaram zombaria e açoites, outros ainda foram acorrentados e colocados na prisão, apedrejados, serrados ao meio, postos à prova, mortos ao fio da espada. [...], afligidos e maltratados (Hebreus 11:36- 37). Nos primeiros sombrios anos da igreja “De fato, todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus **passaram a ser** perseguidos” (2 Timóteo 3.12, grifo nosso).

Podemos citar o exemplo do apóstolo Paulo que foi por várias vezes perseguido e hostilizado devido ser cristão, relatado da seguinte forma na bíblia sagrada:

[...] Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em perigo de morte, muitas vezes. Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um; três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias, muitas vezes, em fome e sede, em jejum, muitas vezes, em frio e nudez[...] (2 Coríntios 11:16- 33).

No último período, entende-se que o apóstolo João por ser seguidor de Jesus Cristo, por duas vezes foi vítima de tentativa de homicídio e com isso foi exilado na ilha de Patmos pelo imperador Domiciano, e morre em Éfeso, aproximadamente no ano 103d.C, quando tinha 94 anos. Diga-se de passagem que este período, começa com a morte de João, e vai até o Edito de Constantino, no ano de 313 d.C. Desta forma, segundo Jesse Hurlbut, clérigo americano da Igreja Metodista Episcopal, em seus estudos, ele alega que:

O fato de maior destaque neste período da história foi a perseguição ao cristianismo pelos imperadores romanos. A perseguição no século IV durou até o ano 313, quando o Edito de Constantino, o primeiro imperador cristão, fez cessar todos os propósitos de destruir a igreja” (HURLBUT, 2007, p. 59).

Esse Edito, juridicamente chamado de Édito de Milão ou Mediolano, que após séculos de perseguição aos cristãos, finalmente acaba deliberadamente de forma inédita, com as ferrenhas perseguições a esse povo, oficializando o cristianismo como religião oficial do império.

Outro exemplo a ser citado, foi o fato ocorrido por volta do ano de 120 d.C, o autor, pagão culto, anônimo da Carta a Diognetoⁱⁱⁱ, considerada a “joia da literatura cristã” um elegante manuscrito composto em grego, encontrado no ano de 1436 d.C, em

Constantinopla, mostrava a perseguição como parte integral da experiência cristã. Ele escreveu, referindo-se aos cristãos, que eles “amam a todos, mas são perseguidos por todos. São desconhecidos e condenados, recebem a pena de morte e ganham a vida^{iv}”.

Podemos citar várias causas para justificar o ódio dos imperadores ao cristianismo. Uma delas foi o caráter exclusivo do cristianismo, porque o paganismo aceitava os diversos objetos de adoração que surgiam, enquanto que o cristianismo opunha-se a qualquer forma de adoração, a não ser ao Deus único e “verdadeiro” conforme entende os cristãos. A adoração ao imperador era considerada prova de lealdade. Havia estátuas do imperador reinante. Os cristãos adoravam somente a Jesus, por isso eram considerados desleais. Outro motivo eram as reuniões secretas dos cristãos. A religião cristã era proibida, e houve uma grande perseguição.

Muitos exemplos de perseguição podem ser citados, mas referenciamos à época dos imperadores Trajano a Antonino Pio, 98-161, nenhum cristão podia ser preso sem culpa comprovada. Contudo quando se formulavam acusações e os cristãos se recusavam a retratar-se, era ordenada a execução. Muitos líderes da igreja tiveram um fim doloroso. Inácio, bispo de Antioquia da Síria, foi lançado às feras no anfiteatro romano no ano de 110. Milhares de cristãos foram decapitados e devorados pelas feras na arena. Também, somado aos mártires deste período está Policarpo, bispo em Esmirna, morreu queimado no ano de 155 por não negar a fé. Ainda segundo o historiador, Jesse Lyman Hurlbut, Justino Mártir, um dos principais defensores da fé cristã, seu martírio deu-se em Roma, em 166, narrou as atrocidades da seguinte maneira:

A última, e mais terrível de todas as perseguições, foi realizada pelo imperador Diocleciano e seus sucessores, de 303 a 310 d.C. Numa série de editos determinou que todos os exemplares da bíblia fossem queimados, e ordenou que todos renunciassem o cristianismo. Em alguns lugares os cristãos eram encerrados nos templos, e depois lhes ateavam fogo. Em 305 d.C ele renunciou ao cargo, mas seus subordinados Galério e Constâncio continuaram a perseguição por seis anos (HURLBUT, 2007, p. 66).

Apesar das intensas perseguições, a fé e a convicção dos primeiros cristãos desempenharam um papel crucial no crescimento da Igreja. Para corroborar com Hurlbut, Bruce L. Shelley alega que:

Vários fatores importantes parecem ter contribuído para o crescimento do cristianismo. Em primeiro lugar, os cristãos primitivos eram movidos por uma

SEMINA - REVISTA DOS PÓS-GRADUANDOS EM HISTÓRIA DA UPF – ISSN: 2763-8804

convicção ardente, pois haviam testemunhado o Acontecimento. Deus havia penetrado no tempo, e os cristãos foram cativados pelo poder criativo dessa grandiosa notícia. Eles sabiam que pessoas estavam sendo remidas e, portanto, não podiam manter as novas da salvação somente para si. Essa certeza inabalável diante de cada obstáculo, incluindo o próprio martírio, ajuda a explicar o crescimento da Igreja." (SHELLEY, 2018, p. 55).

Para nossa surpresa, sempre que surgia a perseguição, o número de cristãos a ser perseguido aumentava gradativamente. Constantino expediu o memorável Édito de Tolerância, no ano de 313. Por essa lei, permitiu um rápido crescimento do cristianismo.

Outra característica deste período é o desenvolvimento da doutrina. Apareceram nesta época três escolas teológicas. Uma em Alexandria, fundada no ano de 180 por Panteno. Seu sucessor foi Clemente, defensor do cristianismo. Mas, o maior expositor deste período foi Orígenes (185-254). Outra escola era de Antioquia, na Ásia Menor, tendo seu maior expoente Irineu, discípulo de Policarpo, discípulo de João. E a outra escola era de Cesaréia, no norte da África, na cidade de Cartago. Os dois nomes de maior expressão foram Tertuliano (160-220), e o bispo Cipriano, o qual morreu no ano de 258 como mártir nas perseguições de Décio. Também houve outras escolas como a de Jerusalém, a de Odessa e Nísibe.

Juntamente com o desenvolvimento da doutrina teológica, desenvolviam-se também as seitas: judaizantes, gnósticos, nicolaítas, ebionismo e maniqueísmo montanismo. Os cristãos dos séculos II e III lutaram não somente contra as perseguições do mundo pagão, mas também contra as heresias na igreja, ou seja, doutrinas que se opõem frontalmente aos dogmas, absurdos e contrassensos da Igreja.

A religião cristã, era rápida em expansão e crescimento, trazendo o ódio e a repulsa de algumas autoridades, pois ela exigia exclusiva lealdade a Cristo, os Imperadores eram colocados em segundo plano e este era o temor dos líderes romanos, empenhados em preservar a cultura clássica dentro da estrutura do império estatal: como desleais ao Estado, para os romanos os cristãos estavam tentando fundar um estado dentro do estado o Corpo de Cristo, uma Igreja Imperial e mesmo assim não cederam a soberania exclusiva de um César.

Contudo, neste período, só permaneciam na igreja aqueles que eram sinceros em sua fé. A igreja era organizada, e ao final do período da perseguição, era a décima parte da população, era um número muito elevado de cristãos em todo o império romano, chegando a milhões. E fica claro que o poder estatal tinha interesse em expurgar os cristãos da

sociedade, por isso que a perseguição feita pelo Estado tinha o cunho social e, principalmente político.

PERSEGUIÇÃO POLÍTICA

Devido o judaísmo ser uma religião ilegítima, por ser monoteísta pelos romanos e para os cristãos ser uma religião que não aceitavam Jesus como filho de Deus, mesmo assim sofriam poucas sanções pelos império romano devido sua ligação direta com os cristãos. Assim que constatou-se a desigualdade com o cristianismo, o judaísmo foi categorizado como seita, ou uma sociedade secreta, o cristianismo recebeu o impedimento do estado romano que não aceitava nenhum opositor à reverência por parte de seus súditos. Tornou-se então, uma religião ilegal, uma religião ilícita, considerada como ameaça à segurança do estado romano. Por outro lado, o rápido crescimento da religião cristã, exigia exclusiva fidelidade a Cristo, o ditador de Roma, César era colocado em segundo plano e este era o temor dos líderes romanos, empenhados em preservar a cultura clássica dentro da estrutura do império estatal: como desleais ao Estado, para os romanos os cristãos estavam tentando fundar um estado dentro do estado o Corpo de Cristo, tinha de ceder a soberania exclusiva de César.

O instável imperador romano Diocleciano desejou trazer o protagonismo a antiga glória de Roma e promoveu uma brutal perseguição de todas contra os cristãos. A perseguição aos cristãos durante seu governo foi cruel, sistematizada e abrangeu todo o território de domínio romano. O imperador Diocleciano ordenou a proibição de cultos, a destruição dos edifícios cristãos, a queima das Escrituras, a prisão e torturas, e a extinção de qualquer direito legal dos cristãos. De fato, a perseguição promovida por Diocleciano foi intensa, especialmente durante a chamada Grande Perseguição (303–311 d.C.), mas não foi uniformemente severa em todas as partes do Império Romano, ele fez com que todo aquele que se negasse a sacrificar aos deuses romanos recebesse a sumária pena de morte. Toda essa perseguição só começou finalmente a declinar a partir da criação da igreja imperial.

A IGREJA IMPERIAL

Este período vai do Edito de Constantino, em 313, à queda de Roma em 476, marca

a legalização do cristianismo como religião oficial do Império Romano. Foi o período da vitória, pois ela a igreja, abdicou o trono imperial, a religião cristã era proibida, e aqueles que a professassem eram castigados com torturas e morte. Contra o cristianismo estavam todos os poderes do Estado. Entretanto, menos de 80 anos depois, em 380, o cristianismo foi reconhecido como religião oficial do império Romano e um imperador cristão exercia autoridade suprema. Dessa forma, os cristãos passaram de um momento para o outro, das arenas romanas onde tinham de enfrentar leões, a ocuparem lugares de honra junto ao trono do mundo.

Havia interesse em Constantino ao se alinhar a igreja, pois ele entendia que poderia servir como um novo centro de unidade e salvaguarda da cultura clássica e do império. Talvez tenha sido um tipo de sagacidade na sua estratégia de governo, pois no império haviam cristãos com grande influência, principalmente no serviço público. Certo ou não de suas intenções, o fato é que Constantino estabeleceu uma política de favorecimento da Igreja Cristã com redução drástica das perseguição.

Além do fim à perseguição, tiveram outros resultados: As igrejas foram restauradas, houve o fim dos sacrifícios pagãos, houve dedicação de templos pagãos ao culto cristão, privilégios concedidos ao clero. Ele considerava que as diferenças religiosas eram impedimentos ao poder e, sendo assim, uma escolha religiosa diferente da estabelecida pela igreja cristã e por ele, passou a ser considerada traição, crime político (CARROLL, 2002). Tiveram bons resultados também no Estado. Mas apesar dos triunfos do cristianismo haverem proporcionado boas coisas ao povo, contudo a sua aliança com o Estado trouxe maus resultados para a igreja. A igreja tornou-se confusa ao adquirir costumes pagãos, como sacrifício de animais e culto a deuses romanos foram introduzidos nela, tudo pelos males resultantes da união da igreja com o Estado. Logo após o cristianismo ser elevado à religião do império, uma nova capital foi escolhida. Constantino desejava uma capital sem os laços da tradição. Ele compreendeu que Roma estava ligada a adoração pagã, dominada pelas tradições do paganismo. O local escolhido foi Bizâncio, onde ele fixou à capital e planejou a construção da grande cidade de Constantinopla. Ali ele fixou várias igrejas, sendo a maior deles batizada com o nome de Santa Sofia ou sabedoria sagrada.

Logo depois da fundação da nova capital, deu-se a divisão efetiva e permanente do Império Romano em Oriental e Ocidental só se consolidou após a morte de Teodósio I em 395. Diocleciano havia iniciado a divisão de autoridade em 305 d.C. Constantino também

nomeou imperadores aliados. Então, a partir desse tempo, o mundo romano foi dividido em Oriental e Ocidental. O império do Oriente era denominado grego, que estava no comando do Imperador Licínio e o do Ocidente era chamado latino, que estava com Constantino. Logo após a supressão do paganismo, mais tarde surgiu uma nova luta, no campo do pensamento, acerca de doutrinas, dentro da igreja que abalavam os fundamentos. Durante este período surgiram duas grandes controvérsias: Monofisismo, Eutiquianismo e Arianismo. A primeira controvérsia tratava da questão de que antes da encarnação, existiam tanto a natureza divina de Jesus Cristo como a humana. No entanto, depois da união dessas naturezas na encarnação, Jesus possuía somente uma única natureza, Ou seja, a natureza divina de Cristo teria absorvida a humana, sendo que ele teria somente a natureza divina, envolta por um corpo humano.

Já a segunda controvérsia alegava que a humanidade de Jesus foi essencialmente dissolvida ou obliterada por Sua natureza divina, ou seja, acreditava que a natureza humana de Cristo foi absorvida em Sua natureza divina de uma forma que ambas as naturezas foram alteradas em algum grau, o que resultou na formação de uma terceira natureza. Posteriormente, em 431 e 451, fim de resolver estas questões controvertidas, foram convocados os concílios ecumênicos de toda a igreja, como, os concílios de Éfeso e de Calcedônia. Entretanto, depois que o cristianismo se impôs em todo o império, o mundanismo entrou na Igreja. Muitos dos que anelavam uma vida espiritual mais elevada estavam descontente para longe das multidões. Afastavam-se para cultivar a vida espiritual por meio da oração, meditação e costumes ascéticos. Seu principal fundador foi Antão, no ano 320, que viveu sozinho por muitos anos em uma caverna no Egito.

Roma que antes perdeu sua posição para Constantinopla como capital política do mundo, agora afirma seu direito de ser a capital da Igreja. Agora, o bispo de Roma, que já se chamava papa, reclama o trono de autoridade sobre todo o mundo cristão e insistia em ser reconhecido como “o cabeça” da igreja em toda a Europa. As causas desse movimento foram inúmeras. Vinte e cinco anos após a morte de Constantino, em 337, os muros do império romano do Ocidente foram derrubados, as hordas de bárbaros começaram a penetrar por toda a parte nas indefesas províncias. Em menos de 140 anos, o império do ocidente, que existiu por mil anos, foi banido do mapa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode definir, de forma plausível, qual período ou data é de maior importância na história da cosmovisão cristã. Todos os períodos da história do cristianismo têm valor inestimável. A igreja se ramificou por todos os continentes da terra, e seu poder influenciou milhares de pessoas, contando com grandes líderes colocados na terra pelo próprio Deus em várias gerações. Pode-se concluir, entre outras coisas, que as palavras de Cristo ditas aos apóstolos no início da jornada, que “[...]as portas do inferno não prevaleceriam contra a Igreja” (Mt 16:18), são palavras fiéis e verdadeiras que até os dias atuais se concretizam.

Na fé cristã paira a esperança que um dia o Jesus voltará para libertar e levar os seus, e todas as promessas que estão para se cumprir, se cumprirão, e quase “todos” estarão para sempre com Ele. Portanto, é de extrema importância conhecer estes períodos gerais da história da Igreja, para que se possa entender as raízes do cristianismo. Todo cristão, que teve sua vida transformada por Cristo Jesus, e que nasceu de novo ou seja, espiritual e carnal, deve ter um anseio pessoal por conhecer mais a Ele, conhecer seus fundamentos, e compreender as raízes do verdadeiro cristianismo bíblico e histórico. Assim, sua fé será firmada e acabará por manter uma memória viva da história da Igreja de Cristo.

NOTAS

ⁱ Foi imperador romano proclamado Augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 336 ano em que chegou ao poder. Seu nome completo era Flavius Valerius Aurelius Constantinus. Nasceu em Naissus (atual Sérvia), em 26 de fevereiro de 272 e faleceu na Nicomedia (atual Izmit, Turquia) em 22 de maio de 337.

ⁱⁱ Foi o período de domínio da cultura grega no mundo antigo que se seguiu após a morte do imperador Alexandre, o Grande por volta de 323 a.C.

ⁱⁱⁱ Trata-se do testemunho escrito por um cristão anônimo respondendo à indagação de Diogneto. Fonte: <http://veritatis.com.br/patristica/165-obras/1406-carta-a-diogneto>. Acesso em 20 jul. 2024.

^{iv} Trata-se do testemunho escrito por um cristão anônimo respondendo à indagação de Diogneto. Fonte: <http://veritatis.com.br/patristica/165-obras/1406-carta-a-diogneto>. Acesso em 16 dez.. 2024.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEVRA (ARA) Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

CARROLL, James. **A espada de Constantino**: a igreja católica e os judeus. Trad. Renato Pompeu. Barueri: Manole, 2002.

CURTIS, A. Kenneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo**. São Paulo: Editora Vida, 2003.

FLORESCANO, Enrique. A função social do historiador. **Revista Tempo**. Niterói, v. 4, 1997, p. 65-79. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg4-4.pdf. Acesso: 25 out. 2024.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**. São Paulo: Editora Vida, 2009.

GONZÁLEZ, Justo L. **E até os confins da Terra**: A História Ilustrada do Cristianismo. São Paulo: Editora Vida Nova, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006

HURLBUT, Jesse Lyman. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2007.

SHELLEY, Bruce L. **História do cristianismo**: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2018.